

THE RIDER / 2017

um filme de CHLOÉ ZAO

Realização e Argumento: Chloé Zhao / Fotografia: Joshua James Richards / Montagem: Alex O’Flinn / Música: Nathan Halpern / Direcção Artística : Sergio González Kuhn / Interpretação: Brady Jandreau (Brady Blackburn), Tim Jandreau (Wayne Blackburn), Lilly Jandreau (Lilly Blackburn), Cat Clifford (Cat Clifford), Tanner Langdeau, James Calhoon, Lane Scott, Cameron Wright, Jordon Slick Phelps, Donnie Whirlwind Horse, Terri Dawn Pourier, etc.

Produção: Caviar Highwayman Films / Produtores: Chloé Zhao, Mollye Asher, Bert Hamelinck, Sacha Ben Harroche / Cópia: em DCP, cor, 105 minutos, versão original em inglês, com legendas electrónicas em português / Primeira apresentação pública: 20 de Maio de 2017, Festival de Cannes / Estreia mundial: 13 de Abril de 2018, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Considerado por muitos como um “western contemporâneo”, razão aliás porque é programado neste ciclo, esta é a segunda longa-metragem da cineasta de origem chinesa Chloé Zhao, que também se reconhece como norte-americana, pois vive nos Estados Unidos desde muito jovem. Estreado no Festival de Cannes, **The Rider** sucede a **Songs My Brothers Taught Me** (2015) e antecede **Nomadland** (2020), que valeu a Zhao um grande reconhecimento público devido à atenções e prémios que conquistou (foram três Óscares). Mais discreto, **The Rider**, como o anterior **Songs My Brothers Taught Me** (2015), tem lugar na “América rural e profunda”, em concreto na Reserva de Pine Ridge, no Estado do Dakota do Sul nos Estados Unidos, na zona de fronteira com o Nebraska. Trata-se de uma reserva Índia criada em 1889 e uma das mais vastas dos Estados Unidos, que alberga a tribo Oglala Sioux e os seus descendentes. O nome do Estado provém dos Sioux, que se chamavam a si mesmos de *Dakota*, que significava "amigo". Se nele encontramos parte das grandes planícies americanas e uma ocupação massiva por grandes “ranchos” em que a agropecuária domina, é também neste Estado que encontramos o famoso Monte Rushmore, onde estão esculpidos os bustos de quatro presidentes norte-americanos.

Fortemente ancorada no real, esta é uma ficção que nos apresenta actores que representam os seus próprios papéis, revelando-nos uma realidade dura e em vias de desaparição, pois é a própria indústria agropecuária que dispensa os tradicionais “cowboys”, muitos deles “native americans”, de origem índia. Na sua pesquisa para a sua primeira longa-metragem Zhao terá visitado o “rancho” em que Brady Jandreau trabalhava e terá aí surgido a vontade de fazer um filme com ele. Jandreau e a sua família inspirarão a personagem do protagonista de **The Rider**. O filme surge assim indissociavelmente ligado à sua história, pois é quando o campeão dos rodeos tem o acidente que o impossibilita de continuar a fazer aquilo que mais gosta, que o argumento de **The Rider** acabou por desbloquear para

“contar” esta parte da sua história. Uma história semelhante à de tantos os seus “companheiros”, como acabamos por ver no filme através de um dos seus amigos próximos, como Lane Scot, que Brady visita no centro de reabilitação onde está, no Nebraska.

Zhao filma uma história americana a partir de fora, mas com uma enorme sensibilidade e proximidade. Como Brady Jandreau, as restantes “personagens” são todas elas actores não profissionais, muitos deles pessoas muito próximas: pai, irmã, amigos. Zhao filma bem de perto (às vezes excessivamente de perto) o quotidiano de uma pequena comunidade que comporta meia-dúzia de protagonistas, partindo de “matéria viva”, matéria que assenta no real e na sua transfiguração. As vastas planícies americanas reflectem a conturbada paisagem mental de Brady no momento em que se confronta com o vazio de não poder continuar a fazer o que gosta, o mesmo podendo nós dizer dos cavalos selvagens que procura domar. Belíssimos e simbólicos são os planos abertos de um céu denso atravessado por um raio de trovoada, como o são as sequências filmadas nos rodeos em planos contínuos sem corte, que nos fazem suster a respiração face a um realismo suplementar que assenta numa proximidade em que se joga a relação da vida com a morte. Os oito segundos em que repetidamente se joga a vida de cada um desses jovens cowboys, como se cita no final.

Brady Jandreau, no filme *Brady Blackburn*, resiste a parar, pois os cavalos são a sua vida. Tudo lhe diz que deve parar: os médicos, os impulsos nervosos que o seu cérebro não controla, o amigo que visita no centro de reabilitação, a prótese metálica de um outro companheiro que subitamente entra em campo. É neste dilema que tudo se joga num filme atravessado por *outsiders* e por uma família a quem toca a pobreza e um modo de vida, que os revela como os esquecidos de uma América que deixa muitos para trás. Como Barbara Loden ou Kelly Reichard, cineastas também convocadas a propósito deste ciclo, Chloé Zhao filma personagens à deriva na paisagem americana, mas a paisagem poderia ser outra. É a mesma que David Lamelas filmou em 1974 em **Desert People**, em que auscultava num modo mais assumidamente documental a pobreza e o modo de vida numa outra Reserva. Foi face a uma outra vasta planície, também ela pontuada por cavalos à solta que esbocei as primeiras destas linhas. E se tais paisagens pareciam em sintonia, os seus actores não. Não obstante a deriva de muitos, que atravessa montes e planícies onde quer que estejamos, como dizia Zhao face às personagens de **The Rider**, “[Those] young guys, they have YouTube channels, they’re trying to figure out what it means to be a modern-day cowboy”. E nós com eles.

Joana Ascensão